

RECORTE

AMÁLIA

Em 1992, quando Amália soube, por um artigo de D. Alberto Cosme do Amaral, então bispo de Leiria-Fátima, que o Fundador do Opus Dei, recentemente beatificado, apreciava a sua voz e falara dela com afecto, comoveu-se e não resistiu a confirmar pessoalmente o que lera em «O Independente». E na primeira ocasião — a Missa em honra do Beato Josemaría Escrivá, presidida em Fátima por D. Maurílio de Gouveia, em representação do Cardeal Ribeiro, a 4 de Julho — ali se deslocou para conhecer em pormenor a conversa a que D. Alberto se referira. Após a Eucaristia encontrou-se com este no recinto do santuário e ficou a saber que um dia, em Roma, o beato Escrivá pedira que pusessem um disco da Amália para D. Alberto matar saudades. E no fim de escutá-la com prazer comentara algo muito simples, mas que a emocionou: — «Que linda voz tem esta mulher! Temos de rezar por ela». Comoveu-a a certeza de que tinha um santo por admirador, que no Céu intercederia com particular amizade pela sua pessoa.

Eu próprio sou testemunha do gosto com que o Fundador do Opus Dei ouvia os seus fados, embora não saiba se nesse gosto predominava o amor à bela música e ao bom canto, ou o seu grande amor a Portugal e a nós, que víamos em Amália uma figura emblemática da alma portuguesa. Suponho que ambos nele se misturavam.

Amigo do canto litúrgico (nas cerimónias de culto), era também um grande amador do canto popular. Qualquer bonita canção de amor, desde uma «jota» aragonesa a um êxito de San Remo, o entusiasmava e lhe servia de oração. Era inevitável que a voz apaixonada e excepcional de Amália o emocionasse também. Ele próprio

conhecia e cantava (e com que vibração e naturalidade!) inúmeras dessas canções. A primeira impressão que dele guardo, de Outubro de 1948, é precisamente a de vê-lo subir a escadaria de uma Residência Universitária (a da Boavista) cantando uma alegre canção italiana: «Quanto sei bella Roma!» — como és bela, Roma! E sei que pedira que à hora da sua morte lhe cantassem «Aprite le finestre al nuovo sole» — Abri as janelas ao novo sol — de Nila Pizzi. Tal não foi possível, pela rapidez do seu falecimento, mas aquele coração nunca hesitara nem se cansara de amar humanamente Deus e toda a gente. Pois se Deus se fez Homem, explicava, temos de amá-Lo humanamente! E o amor humano, o amor dos nossos pais que nos gerou, ele abençoava-o «com as duas mãos», dizia expressivamente.

Por sinal, na conversa tida com D. Alberto e outras pessoas amigas junto da grande azinheira, Amália fez uma curiosa pergunta, que vem agora a propósito como vinha a propósito do artigo antes citado. Chocara-a o dito de alguém, e ela gostaria de esclarecê-lo: que era próprio do homem ser desumano! De modo nenhum, como é óbvio, respondeu-lhe o senhor bispo. E acrescentou mais uma frase do beato Josemaría: «Só podemos ser divinos, se formos muito humanos».

É uma «petite histoire», mas revela bem a fina sensibilidade da grande fadista, a sua limpa simplicidade e a sua profunda humanidade.

HUGO DE AZEVEDO
Jornal de Notícias

© *by* Edições LICEL,CRL, Apartado 570, 4711-915 Braga